

## ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR: FATORES FACILITADORES E DIFICULTADORES DA ASSISTÊNCIA PRESTADA POR UM GRUPO DE REGASTE VOLUNTÁRIO

### PRE-HOSPITAL CARE: ENABLING AND HINDERING FACTORS OF CARE PROVIDED BY A VOLUNTEER RESCUE GROUP

### ATENCIÓN PREHOSPITALARIA: FACTORES QUE FACILITAN Y DIFICULTAN LA ASISTENCIA PRESTADA POR UN GRUPO DE RESCATE VOLUNTARIO

Allana dos Reis Corrêa<sup>1</sup>, Bárbara Pequeno Andrade Rasslan Silva<sup>2</sup>, Patrícia Sarsur Nasser Santiago<sup>3</sup>

#### RESUMO

**Objetivo:** Identificar os fatores facilitadores e dificultadores dos atendimentos realizados pelas equipes do grupo de resgate voluntário, "Anjos do Asfalto". **Método:** Estudo quantitativo descritivo, realizado com 16 integrantes do resgate voluntário "Anjos do Asfalto", em Minas Gerais. Os dados foram coletados por meio de um questionário estruturado autoaplicável com questões sociodemográficas e sobre fatores que facilitam ou dificultam a atuação da equipe. **Resultados:** A maioria dos respondentes (75,0%) foi do sexo masculino. A idade variou de 30 a 51 anos, com média de 38,3 anos. Quanto à formação profissional, a maioria (46,1%) é composta por enfermeiros. A média do tempo de atuação no serviço é de 3,3 anos. Os principais fatores facilitadores foram: experiência e conhecimento profissional dos integrantes, apoio de outras entidades e trabalho e integração em equipe. Já os fatores dificultadores foram: alto custo para manutenção do projeto e a escassez de recursos financeiros. **Conclusão:** O estudo mostrou que os fatores facilitadores destacados pelo grupo são uma junção de conquistas alcançadas durante os anos de atuação. Em contrapartida, a falta de verba, patrocínio e apoio governamental podem comprometer a atuação desse grupo que traz grandes contribuições para o atendimento das vítimas em situação de urgência e emergência.

Descritores: Serviços médicos de emergência; Assistência pré-hospitalar; Voluntários; Causas externas.

#### ABSTRACT

**Objective:** To identify the factors facilitating and hindering the attendance of the teams of the voluntary rescue group, "Anjos do Asfalto". **Method:** Descriptive quantitative study, carried out with 16 members of the voluntary rescue "Anjos do Asfalto", in Minas Gerais. The data were collected through a self-administered structured questionnaire with sociodemographic questions and factors that facilitate or hinder the team's performance. **Results:** The majority of respondents (75.0%) were male. The age ranged from 30 to 51 years, with a mean of 38.3 years. Regarding vocational training, the majority (46.1%) are nurses. The average duration of the service is 3.3 years. The main facilitating factors were: experience and professional knowledge of the members, support of other entities and work and integration in a team. On the other hand, the difficult factors were: high cost to maintain the project and scarce financial resources. **Conclusion:** The study showed that the facilitating factors highlighted by the group are a combination of accomplishments achieved during the years of performance. On the other hand, the lack of funds, sponsorship and government support can jeopardize the performance of this group that brings great contributions to the care of the victims in a situation of urgency and emergency.

Descriptors: Emergency medical services; Prehospital care; Volunteers; External causes.

#### RESUMEN

**Objetivo:** Identificar los factores que facilitan y dificultan los atendimientos realizados por los equipos de rescate voluntario "Ángeles del Asfalto". **Método:** Estudio cuantitativo descriptivo, realizado con 16 integrantes del rescate voluntario "Ángeles del Asfalto", en Minas Gerais, Brasil. La recolección de datos ha sido realizada por medio de un cuestionario estructurado auto aplicable con cuestiones sociodemográficas y sobre factores que facilitan o dificultan la actuación del equipo. **Resultados:** La mayoría de las personas que respondieron (75,0%) son varones. La edad ha variado entre los 30 y los 51 años, y la edad media ha sido de 38,3 años. En relación a la formación profesional, el grupo reúne en su mayoría, enfermeros (46.1%). El tiempo medio de estancia en el trabajo es de 3.3 años. Los participantes han dicho que los principales factores para facilitar su trabajo han sido la experiencia y el conocimiento profesional de los integrantes, apoyo de otras organizaciones y trabajo e integración en equipo. Sin embargo, la mayor y más predominante dificultad ha sido el alto coste para mantener el proyecto y la falta de recursos financieros. **Conclusión:** El estudio mostró que los factores facilitadores apuntados por el grupo son una suma de conquistas logradas a lo largo de los años de trabajo del equipo. Sin embargo, la falta de verba, patrocínio y apoyo gubernamental pueden comprometer la actuación de ese grupo que contribuye muchísimo en lo que se refiere a la atención a las víctimas en situaciones de urgencia y emergencia en el estado de Minas Gerais.

Descritores: Servicios médicos de urgência; Atención prehospitalaria; Voluntarios; Causas externas.

<sup>1</sup>Graduada em Enfermagem. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais. Docente na Universidade Federal de Minas Gerais. <sup>3</sup>Graduada em Enfermagem. Mestrado em Enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais. Docente na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

#### Como citar este artigo:

Corrêa AR, Silva BPAR, Santiago PSN. atendimento pré-hospitalar: fatores facilitadores e dificultadores da assistência prestada por um grupo de regaste voluntário. Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro.2018; 8: e2298. [Access \_\_\_\_\_]; Available in: \_\_\_\_\_.  
<http://dx.doi.org/10.19175/recom.v7i0.2298>

## INTRODUÇÃO

Nas duas últimas décadas, houve, no Brasil, um intenso e rápido processo de urbanização e metropolização sem o acompanhamento devido de políticas voltadas particularmente para a segurança e o bem-estar dos que residem nas cidades. Dentre os problemas relacionados a esse fato destaca-se o aumento significativo das mortes por causas externas que incluem homicídios, suicídios, acidentes de trânsito, afogamentos, entre outros<sup>(1)</sup>. Tais ocorrências acometem com maior intensidade a população masculina com idade aproximada entre 15 e 39 anos<sup>(1)</sup>.

As mortes por causas externas são definidas como traumatismos, lesões ou quaisquer outros agravos à saúde, que tenham ocorrido de forma intencional ou não, com início repentino e como consequência imediata de algum ato violento ou outros motivos exógenos. A partir do ano de 1980, as causas externas tornaram-se a segunda maior causa de morte no Brasil e a primeira causa de morte para os indivíduos com faixa etária entre 5 e 39 anos de idade<sup>(2)</sup>. Esse aumento abrupto das mortes por causas externas no Brasil na década de 80 tem se arrastado até os dias de hoje já que, desde então, as causas externas oscilam entre a segunda ou a terceira causa de morte no país<sup>(3)</sup>.

Um dos fatores mais importantes vinculados ao prognóstico da vítima de causas externas são o tempo gasto entre o evento e o atendimento definitivo que esse paciente recebe<sup>(4)</sup>. A “Hora de Ouro” se define pelos primeiros 60 minutos que sucedem o evento traumático. O intervalo de uma hora se define como o tempo limite para a implementação do primeiro atendimento<sup>(5)</sup>. A “Hora de Ouro” foi criada pelo Dr. Adams Cowley, fundador de um dos primeiros centros de trauma dos Estados Unidos. Com base nas suas pesquisas, concluiu-se que os doentes que receberam uma assistência definitiva em tempo hábil tiveram um índice de sobrevivência muito maior do que aqueles que receberam atendimento com algum atraso<sup>(6)</sup>.

Num contexto mundial, observamos que a França e os Estados Unidos foram os pioneiros do serviço de atendimento pré-hospitalar móvel. A França instituiu, na década de 1960, um serviço de emergência conduzido e regulado por um profissional médico que regulamenta as ambulâncias através de um número de telefone unificado, disponível para toda população. Tal

sistema de comunicação também está vinculado ao Corpo de Bombeiros<sup>(7)</sup>. Já os Estados Unidos, a partir da década de 1960, instituiu um sistema de APH móvel que promove um transporte eficiente e rápido por profissionais devidamente treinados que são legalizados pela constituição americana<sup>(7)</sup>. No Brasil, o SAMU baseia-se no modelo francês de atendimento no qual as ambulâncias de modelos avançados possuem obrigatoriamente a presença de um profissional médico, situação que não ocorre nos EUA, já que tal atuação é realizada por paramédicos (profissão não existente no Brasil)<sup>(8)</sup>.

O impacto das causas externas na morbimortalidade mundial e brasileira contribuiu para a criação da Política Nacional de Atenção às Urgências (PNAU) que foi instituída por meio da portaria GM nº 1863/2003, em todas as unidades federadas, respeitando as competências das três esferas de gestão<sup>(9)</sup>.

Em julho de 2011, o Ministério da Saúde reformulou a PNAU através da portaria nº 1.600 e instituiu a Rede de Atenção às Urgências. A Rede de Atenção às Urgências objetiva organizar, articular e integrar todos os equipamentos de saúde, a fim de ampliar e qualificar o acesso humanizado e integral aos usuários em situação de urgência e emergência, nos serviços de saúde, de maneira ágil e oportuna<sup>(10)</sup>.

O componente pré-hospitalar móvel foi instituído em 29 de setembro de 2003 por meio da Portaria GM nº 1864/2003, sendo determinada a implantação do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU-192) em municípios e regiões de todo o território brasileiro<sup>(9)</sup>. Em 2012, a regulamentação do SAMU foi revisada e atualmente regulada pela Portaria nº 1.010/2012, instituída pelo Ministério da Saúde, que no art. 2º, define o SAMU 192 como o “componente assistencial móvel da Rede de Atenção às Urgências, que tem como objetivo chegar precocemente à vítima após ter ocorrido um agravo à sua saúde (de natureza clínica, cirúrgica, traumática, obstétrica, pediátrica, psiquiátrica, entre outras) que possa levar ao sofrimento, a sequelas ou mesmo à morte, mediante o envio de veículos tripulados por equipe capacitada, acessado pelo número “192” e acionado por uma Central de Regulação das Urgências”<sup>(11)</sup>.

Antes da criação do SAMU-192, a assistência pré-hospitalar era prestada pelo Corpo de Bombeiros em parceria com as

Secretarias Municipais ou Estaduais de Saúde. Tal situação mudou após as normalizações determinadas pelo Ministério da Saúde, que caracterizaram o atendimento pré-hospitalar como um serviço de responsabilidade da área da saúde sob a coordenação de um médico<sup>(12)</sup>. A nova reorganização da assistência pré-hospitalar fez com que os bombeiros militares passassem de protagonistas para coadjuvantes, no atendimento pré-hospitalar, juntamente com os outros profissionais não oriundos da área da saúde<sup>(12)</sup>.

Segundo dados divulgados pelo Ministério da Saúde, atualmente, o Brasil possui aproximadamente 5.570 municípios e uma população de 201.062.789 pessoas e, até o mês de fevereiro de 2015, apenas 153.962.865 (75,9%) das pessoas foram assistidas pelo SAMU-192<sup>(13)</sup>.

No Estado de Minas Gerais, observa-se uma defasagem na cobertura populacional pelo SAMU-192. Dados divulgados pela Coordenação Geral de Urgência e Emergência (CGUE) mostram que apenas 104 (12%) municípios e 38,4% da população de Minas Gerais são assistidos por esse sistema<sup>(14)</sup>.

Diante dessa realidade, constata-se que o acesso ao serviço pré-hospitalar pelo SAMU-192, tanto na unidade federativa quanto no estado de Minas Gerais, não atinge a totalidade da população. A partir disso, é possível dimensionar a importância que outros serviços de apoio, como o Corpo de Bombeiros e grupos de resgate voluntários, possuem nesse contexto.

Especificamente, no estado de Minas Gerais, foi criado, em fevereiro de 2004, o grupo Anjos do Asfalto, que é uma organização não governamental, sem fins lucrativos (ONG), constituído por voluntários que atende a chamados próximos à rodovia BR-381. Esta é, popularmente, conhecida como Rodovia da Morte, já que, em apenas 100 km, existem aproximadamente 200 curvas sinuosas que contribuem para a ocorrência de inúmeros acidentes nesse percurso<sup>(15)</sup>.

A ONG Anjos do Asfalto não faz o transporte da vítima a nenhum serviço de saúde e sua função é estabilizar o enfermo até a chegada do SAMU-192 e/ou do Corpo de Bombeiros à cena do acidente. Por ser um serviço voluntário, a ONG não recebe nenhum auxílio governamental, sendo todos os insumos e materiais necessários para o atendimento às vítimas adquiridos por meio de doações. Os voluntários que participam do grupo de resgate possuem formações

profissionais variadas, sendo composto por enfermeiros, técnicos de enfermagem, bombeiros civis e profissionais não oriundos da área de saúde, mas que possuem cursos de socorrista<sup>(15)</sup>.

Sabe-se que os profissionais que atuam em APH demonstram uma forte relação com a profissão, por ser uma prática que exige conhecimento aprimorado e continuado, bem como capacidade de lidar com situações inesperadas e desafiadoras. Por ser um tipo de trabalho em que o profissional está muito exposto, sofre cobranças da população, sendo constantemente avaliado no cumprimento de suas tarefas<sup>(16)</sup>.

Estudos que pesquisaram sobre o cotidiano de profissionais de enfermagem que atuam em APH mostraram que o ambiente de trabalho pode proporcionar sentimentos positivos e negativos para os mesmos. Os autores destacam que a associação de sentimentos negativos ao labor diário de cuidar do próximo, uma vez que, grande parte desses profissionais põe em risco a sua saúde, podendo ser, esse fato, prejudicial tanto para o socorrista quanto para o paciente<sup>(16-18)</sup>.

O cotidiano dos integrantes do grupo de resgate voluntário Anjos do Asfalto é bastante diversificado. Apesar da organização de materiais, insumos e preocupação constante com capacitação dos profissionais, os fatores que facilitam e/ou dificultam a atuação desse grupo não são conhecidos. Assim, questiona-se quais os fatores facilitadores e dificultadores presentes no cotidiano dos profissionais que atuam no grupo de resgate voluntário Anjos do Asfalto.

A identificação dos fatores facilitadores poderá contribuir para a avaliação do processo de trabalho do grupo e a identificação dos fatores dificultadores poderá subsidiar a delimitação de pontos que necessitam de algum planejamento, como por exemplo, a elaboração e implementação de propostas que visam à melhoria do atendimento ofertado, o que, conseqüentemente, implicará um melhor desfecho para as pessoas atendidas pelo resgate voluntário.

Este estudo teve como objetivo identificar os fatores facilitadores e dificultadores dos atendimentos realizados pelas equipes do grupo de resgate voluntário Anjos do Asfalto.

## MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo, realizado com os componentes do grupo de resgate voluntário Anjos do Asfalto, que possuem base de

atendimento às margens da BR 381, próximo ao trevo do município de Caeté-MG.

O grupo é constituído por 18 integrantes que possuem formações profissionais variadas sendo: bombeiro civil, técnicos de enfermagem, enfermeiros e profissionais não oriundos da área da saúde (comerciante e empresário) que possuem o curso de socorrista nível básico de, no mínimo, 40 horas.

Esleu-se, como critérios de inclusão, os voluntários que pertenciam ao grupo Anjos do Asfalto, atuando há mais de seis meses no serviço e que concordassem em participar do estudo após serem devidamente esclarecidos sobre o tema e assinarem o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Foram excluídos os integrantes que estavam de licença no período da coleta.

No período de realização do estudo, dos 18 integrantes do grupo, dois estavam afastados por motivo de licença. Assim, 16 integrantes compuseram a amostra deste estudo.

Os dados foram coletados por meio de um questionário estruturado autoaplicável, que contemplava as variáveis do estudo. Foi elaborado pelas pesquisadoras e composto por duas partes. A primeira contempla dados sociodemográficos dos sujeitos da pesquisa e a segunda, duas questões abertas para que os respondentes indicassem os fatores dificultadores e fatores facilitadores relacionados aos atendimentos realizados pelas equipes. Antes da aplicação do questionário aos participantes do estudo, o questionário foi submetido a avaliação de quatro enfermeiros que atuavam em serviços de atendimento pré-hospitalar e as sugestões foram incorporadas na versão final do instrumento.

As variáveis analisadas foram: idade, gênero, naturalidade, estado civil, escolaridade, formação profissional, ocupação, tempo de atuação no resgate voluntário (mensurado considerando a data de entrada no grupo até a aplicação do questionário), cursos de atualização certificados por sociedades internacionais, tempo de realização do curso específico e fatores dificultadores e facilitadores dos atendimentos realizados pelos membros do resgate voluntário.

A coleta ocorreu no período de setembro a novembro de 2016, no local onde os integrantes do grupo permanecem nos dias de plantão,

aguardando solicitações de atendimento. Para que todos os membros participassem da pesquisa, foram realizadas visitas alternadas em diferentes plantões e feriados. As pesquisadoras, após exposição dos objetivos do estudo e assinatura do TCLE, distribuíam o questionário que foi preenchido e entregue na mesma data pelos respondentes.

Após a coleta, as informações foram digitadas num banco de dados do programa *Microsoft Office Excel*® 2007 procedendo-se à análise descritiva por meio do cálculo das frequências absoluta e relativa simples e medidas de tendência central.

A pesquisa foi autorizada pela coordenação do grupo de resgate voluntário Anjos do Asfalto e iniciada após apreciação e parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, CAAE: 48713515.8.00005137, número do parecer: 1.236.916, em atendimento à Resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde<sup>(16)</sup>.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os 16 componentes do grupo Anjos do Asfalto que compuseram a amostra do estudo corresponderam a 88,8% do número total de voluntários. Desses, a maioria (12–75,0%) era do gênero masculino. A idade variou de 30 a 51 anos, com média de 38,3 anos.

Estudo desenvolvido, que analisou a visão dos profissionais envolvidos num serviço de atendimento pré-hospitalar (APH) móvel, mostrou resultado semelhante quanto ao gênero e idade evidenciando que 61,8% dos integrantes do serviço eram homens e a média de idade dos integrantes do grupo constatada foi de 36,2 anos<sup>(17)</sup>.

O registro sobre a naturalidade dos integrantes deste estudo foi constatado em 10 (62,5%) questionários, sendo, a maioria desses (8–80,0%), naturais do município de Belo Horizonte - MG e região metropolitana, citando os municípios de Contagem e Nova Lima. Dois integrantes são naturais de outras localidades: municípios de São Paulo e Itabira.

Os dados relacionados ao estado civil, escolaridade e formação/atuação profissional estão apresentados na Tabela 1.

Tabela 1: Características sociodemográficas dos integrantes do resgate voluntário Anjos do Asfalto. Minas Gerais, Brasil, 2015.

Variáveis	n	%
Estado Civil (N=16)		
Casado	08	50,0
Solteiro	04	25,0
União estável	02	12,5
Divorciado	02	12,5
Escolaridade (N=14)		
1º grau completo	02	14,3
2º grau completo	04	28,6
3º grau completo	02	14,3
Pós-graduação	06	42,9
Formação/Atuação profissional (N=13)		
Enfermeiro	06	46,1
Empresário	03	23,1
Bombeiro civil	02	15,4
Técnico de enfermagem	01	7,7
Comerciante	01	7,7

Fonte: Dados do estudo, 2015.

Em relação ao estado civil, observou-se que a maioria era casada. Um estudo realizado com 18 técnicos de enfermagem, que atuam num serviço de atendimento pré-hospitalar de um município do interior de Minas Gerais, mostrou uma realidade diferente, onde 50% dos profissionais eram solteiros<sup>(19)</sup>.

A Tabela 1 mostrou que quase metade dos entrevistados possuem algum curso de pós-graduação e 14,3% têm o 3º grau completo. Assim, constata-se que 57,2% dos voluntários do grupo de resgate Anjos do Asfalto possuem ensino superior.

Estudo desenvolvido em Ribeirão Preto<sup>(19)</sup> constatou que 55,5% dos profissionais que compuseram a amostra possuíam curso de especialização, fato que vem ao encontro com os dados dessa pesquisa. A preparação profissional torna o atendimento mais ágil e eficiente, situação que proporciona um melhor prognóstico à vítima.

Quanto à formação/atuação profissional, observou-se que quase metade dos integrantes são enfermeiros. Uma pesquisa desenvolvida em Ribeirão Preto - SP, com integrantes de uma Unidade de Suporte Avançado (USA) do SAMU, mostrou que a maioria da equipe era composta

por médicos<sup>(19)</sup>. Essa diferença, possivelmente, atribui-se ao fato de o SAMU ser regulamentado por portaria do Ministério da Saúde, que define a categoria profissional e o quantitativo mínimo desse profissional para compor as equipes de cada tipo de ambulância. No caso da USA, a composição mínima é de um médico, um enfermeiro e um condutor de veículo de urgência<sup>(11)</sup>.

Três integrantes da ONG Anjos do Asfalto não especificaram sua formação e relataram que atuam como socorristas de resgate. O curso de socorrista de resgate é ofertado no estado de Minas Gerais pela Cruz Vermelha em parceria com o Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais. O programa é destinado tanto para profissionais de saúde quanto para o público geral de qualquer área ou formação profissional. O curso ensina, de forma sistemática, sobre o atendimento pré-hospitalar para todos que objetivam salvar vidas e agir corretamente em situações extremas<sup>(20)</sup>. Destaca-se que pessoas de mercados diferentes do âmbito da saúde podem ter interesse em prestar esse tipo de assistência e não apenas pessoas especializadas conseguem tomar, com eficiência, medidas básicas em situações emergenciais.

O tempo de atuação dos profissionais no grupo de resgate voluntário variou de 7 a 104 meses, com média de 39 meses, ou seja, 3,3 anos. Ressalta-se que dois voluntários não responderam a essa pergunta, totalizando 14 questionários respondidos sobre esse tópico.

Estudo desenvolvido em Fortaleza mostrou que 43,8% da amostra possuía tempo no APH entre 1 a 5 anos<sup>(17)</sup>. Observou-se que a adesão ao trabalho voluntário em APH envolve

compromisso semelhante ao de profissionais formalmente contratados para exercer esta atividade.

A variável participação em cursos de capacitação foi respondida por 15 integrantes. Os resultados relacionados à realização de capacitação por meio de cursos de imersão com certificação internacional e outros cursos estão apresentados na Tabela 2.

Tabela 2: Participação dos Integrantes do Grupo Anjos do Asfalto em cursos de capacitação. Minas Gerais, Brasil, 2015.

Variáveis	n	%
Cursos de Imersão com Certificação Internacional		
BLS <sup>o</sup>	08	53,3
PHTLS <sup>o</sup>	07	46,7
ACLS <sup>o</sup>	03	20,0
PALS <sup>o</sup>	-	-
Outros Cursos	11	73,3

Nota: BLS<sup>o</sup>: *Basic life Support* PHTLS<sup>o</sup>: *Pre-hospital Life Support*; ACLS<sup>o</sup>: *Advanced Cardiac Life Support*; PALS<sup>o</sup>: *Pediatric Advanced Life Support*.

A categoria "outros cursos" refere-se a cursos sem certificação de sociedades específicas, sendo estes ministrados pelo Corpo de Bombeiros, Cruz Vermelha e empresas privadas de capacitação em urgências e emergências. Ressalta-se que um mesmo integrante pode ter realizado mais de um curso, fato que impossibilita totalizar o resultado em 100%. Esse quesito foi respondido por 15 profissionais.

Observou-se investimento dos membros do grupo em cursos de imersão reconhecidos internacionalmente. A capacitação dos

profissionais que atuam em serviços de Atendimento Pré-Hospitalar tem o propósito de aperfeiçoar diretrizes das urgências e emergências, qualificar os profissionais frente aos procedimentos técnicos e estabelecer relações entre as equipes por meio de discussões de caso, a fim de melhorar o atendimento e, conseqüentemente, os desfechos dos mesmos<sup>(16,21)</sup>.

Os resultados relacionados ao tempo de realização do último curso de capacitação estão apresentados na Tabela 3.

Tabela 3: Tempo de realização do último curso de capacitação realizado pelos Integrantes do Grupo Anjos do Asfalto. Minas Gerais, 2015.

Variáveis	n	%
Tempo de Realização do Último Curso de Capacitação	14	100,0
<4anos	12	85,7
4 a 8 anos	01	7,1
>8anos	01	7,1

Fonte: Dados do estudo, 2015.

A maioria dos integrantes realizou curso de capacitação com tempo inferior a quatro anos. Infere-se que, além da dedicação ao serviço voluntário, há uma preocupação com a atualização dos conhecimentos em atendimentos de urgência e emergência. Ressalta-se que a assistência pré-hospitalar é uma prática que exige conhecimento aprimorado e continuado, pois demanda a capacidade de lidar com situações estressantes e uma equipe que necessita de formação específica, já que muitas circunstâncias diferem da prática hospitalar<sup>(21)</sup>.

Para análise das respostas obtidas nas questões abertas sobre fatores que facilitam e dificultam o trabalho do resgate voluntário, foram delimitadas as respostas mais citadas dos 16 questionários avaliados, sendo calculado o percentual de cada uma delas. As respostas com menor incidência (apenas uma citação) foram incluídas na categoria “outros”.

Os fatores que facilitam os atendimentos realizados pelo resgate voluntário Anjos do Asfalto estão apresentados na Tabela 4.

Tabela 4: Fatores facilitadores da atuação dos integrantes do Grupo Anjos do Asfalto. Minas Gerais, Brasil, 2015.

Fatores facilitadores da atuação do Grupo Anjos do Asfalto	n	%
Experiência e conhecimento profissional dos integrantes	08	50,0
Apoio de outras entidades	08	50,0
Trabalho em equipe e integração da equipe	08	50,0
Materiais de resgate disponíveis	05	31,3
Agilidade no atendimento à vítima	04	25,0
Reconhecimento do grupo pelos moradores da região e outras entidades	04	25,0
Treinamentos	03	18,8
Localização da base de apoio do grupo	02	12,5
Equipe com várias formações profissionais	02	12,5
Outros	04	25,0

Fonte: Dados do estudo, 2015.

Os fatores facilitadores que compuseram a categoria “outros”, foram: prazer em lidar com situações de estresse, desejo de fazer o bem, boa vontade do grupo e sinalização da via. Ressalta-se que os resultados apresentados na Tabela 4 se referem ao número de fatores facilitadores citados por cada um dos voluntariados, impossibilitando totalizar o resultado em 100%.

“O trabalho em equipe”, “a integração do grupo” e “a experiência profissional dos integrantes” foram os fatores facilitadores mais citados pelos respondentes.

Estudo desenvolvido em Porto Alegre – RS, que objetivou caracterizar o trabalho em equipe no atendimento pré-hospitalar a vítimas de traumas decorrentes de acidentes de trânsito, ressalta a importância do trabalho em equipe e destaca que todos os atores que fornecem suporte básico de vida a vítimas de trauma no APH, independente da formação técnica, realizam

as mesmas funções e se organizam com o propósito final da recuperação e estabilidade do paciente<sup>(12)</sup>. O processo de trabalho ocorre de forma integrada e articulada, fato que caracteriza um trabalho coletivo e em equipe e, mesmo diante das diferenças relacionadas à formação profissional e a hierarquização em função do saber, é possível garantir o espaço de cada membro da equipe durante o atendimento pré-hospitalar<sup>(12,17)</sup>.

“O apoio de outros serviços” de APH foi outro fator facilitador citado pelos respondentes. Esse resultado difere de outra pesquisa, que apontou realidade divergente e destacou que os dois serviços de atendimento pré-hospitalar analisados (SAMU e Corpo de Bombeiros) atuavam de forma pouco integrada<sup>(12)</sup>.

Outro fator citado foi “o reconhecimento de benefícios intangíveis que o trabalho voluntário pode propiciar”. Estudo que teve como

objetivo analisar a relação do comprometimento com o desenho do trabalho segundo a percepção de trabalhadores voluntários de Organizações Não Governamentais (ONGs) mostrou que o voluntariado não possui nenhum interesse econômico com a atividade realizada e que, na verdade, a sua maior satisfação são as conquistas

obtidas em poder ajudar o próximo ou fazer parte de em grupo de pessoas que possuem os mesmos objetivos<sup>(22)</sup>.

Os fatores que dificultam os atendimentos realizados pelo resgate voluntário Anjos do Asfalto estão apresentados na Tabela 5.

Tabela 5: Fatores dificultadores da atuação dos integrantes do Grupo Anjos do Asfalto. Minas Gerais, Brasil, 2015.

Fatores dificultadores da atuação do Grupo Anjos do Asfalto	n	%
Custo em manter o projeto/falta de dinheiro	11	68,8
Falta de apoio governamental	10	62,5
Falta de patrocínio	05	31,3
Periculosidade e falta de estrutura da rodovia	03	18,8
Falta de materiais e estrutura para os atendimentos	03	18,8
Falta de base própria	02	12,5
Tempo entre o primeiro atendimento e a chegada dos serviços oficiais que realizam o atendimento pré-hospitalar	02	12,5
Distância do Hospital	02	12,5
Segurança do socorrista e acesso ao local do acidente	02	12,5
Outros	12	75,0

Fonte: Dados do estudo, 2015.

Ressalta-se que os resultados apresentados na Tabela 5 referem-se ao número de fatores dificultadores citados por cada um dos voluntários, impossibilitando totalizar o resultado em 100%.

Na categoria “outros” foram incluídos os fatores dificultadores citados apenas uma vez sendo: “risco de acidentes”; “falta de respaldo ético e legal dos profissionais em realizar algumas intervenções”; “falta de efetivos e pessoas atuando nos serviços oficiais (SAMU e COBOM) que realizam atendimento pré-hospitalar e apoiam a ONG”; “falta de organização da reserva de materiais”; “dificuldade de comunicação via rádio”; “informações inadequadas do solicitante”; “impossibilidade de transportar as vítimas”; “falta de socorrista comprometido”; “tensão com o deslocamento”; “alta incidência de acidentes com múltiplas vítimas”; “falta de união/companheirismo” e “alta demanda de atendimento na região”.

Os principais fatores dificultadores apontados pelos respondentes foram “o alto custo”, “a limitação de recursos financeiros para manutenção do grupo” e “a ausência de apoio governamental”. Estudo que objetivou descrever e compreender a visão dos profissionais de saúde

em relação aos serviços voluntários prestados no contexto hospitalar mostrou que a atuação dos serviços voluntários, no âmbito da saúde, em relação a diversas demandas que variam do nível curativo, preventivo, promoção e desenvolvimento humano, não são atendidos de forma eficiente pelo Estado. Mostrou, inclusive, que existem inúmeras carências na área da saúde que podem ser minimizadas com a oferta de serviços voluntários<sup>(23)</sup>.

Outros fatores dificultadores citados foram: “a periculosidade” e “falta de estrutura da rodovia” e “a tensão com o deslocamento e a segurança do socorrista”. Estudo qualitativo, desenvolvido em Porto Alegre, com nove enfermeiros que atuavam no SAMU, mostrou que as maiores dificuldades vivenciadas por esse grupo durante o atendimento pré-hospitalar eram “o preparo acadêmico insuficiente”, “as adversidades do cenário”, “a exposição aos riscos das cenas” e “a falta de apoio psicológico”<sup>(24)</sup>.

## CONCLUSÃO

A partir dos resultados obtidos no estudo, foi possível observar que os principais fatores facilitadores apontados pelos integrantes do resgate voluntário Anjos do Asfalto foram: “a



experiência e conhecimento profissional dos integrantes do grupo”, “o apoio recebido por outras entidades”, “o trabalho em equipe e integração da equipe”. Tais fatores são uma soma de circunstâncias que foram criadas durante os anos de atuação e que facilitam e possibilitam uma assistência ágil e de qualidade à vítima atendida por toda equipe. Dessa forma, evidencia-se um grupo organizado que busca, em cada oportunidade, otimizar a união da equipe e a assistência prestada às vítimas socorridas.

Em contrapartida, “a falta de verba para manutenção do grupo”, “falta de apoio governamental e de patrocínio” foram elencados como os principais fatores que dificultam a atuação da ONG. Para que seja possível um atendimento mais eficiente à vítima, é imprescindível que o grupo consiga arrecadar mais verbas para sua manutenção e crescimento.

Conhecer os fatores facilitadores e dificultadores reportados pelos profissionais que atuam no APH, como voluntários, contribui para repensar fluxos e suporte para o exercício de uma atividade que, mesmo repleta de desafios, mostra o comprometimento de uma equipe na assistência a pessoas em situação de urgência e emergência, independente da presença de vínculo empregatício.

É possível que incentivos financeiros privados e públicos contribuam para a melhoria dos recursos materiais e da capacitação contínua dos membros integrantes de grupos de resgate voluntário, possibilitando um atendimento mais efetivo e qualificado às vítimas assistidas, inicialmente, pelos mesmos.

Apesar da relevância em estudar uma temática pouco abordada na literatura, este estudo apresentou um “N” restrito que limitou estabelecer correlações entre a amostra estudada e a real situação de um grupo específico de resgate voluntário que atua no Estado de Minas Gerais. O investimento em estudos que abordem este tema de forma mais abrangente poderá contribuir para ampliar o conhecimento sobre a atuação de grupos de resgate voluntários e repensar as possibilidades de assistência pré-hospitalar precoce com atendimento inicial qualificado, visando melhores desfechos para as pessoas que demandam este atendimento.

## REFERÊNCIAS

1. Ministério do Planejamento (BR), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Tábuas abreviadas de mortalidade por sexo e

idade Brasil: grandes regiões e unidades da federação 2010. Rio de Janeiro: IBGE; 2013 [citado 5 abr 2015]. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/li65137.pdf>

2. Gonsaga RAIT, Rinoli CF, Pires EA, Zogreib FS, Fujino MVT, Cunha MB. Avaliação da mortalidade por causas externas. Rev Col Bras.Cir. 2012;39(4):263-7.

<https://doi.org/10.1590/S0100-69912012000400004>

3. Moura LA, Cruz NM, Oliveira LCA, Gurgel PKF, Teixeira MC, Soares WLP. Anos potenciais de vida perdidos por causas externas no Rio Grande do Norte, 2003 a 2012. UNOPAR Cien Cienc Biol Saúde. 2015 [citado 02 fev 2018];17(2):101- 106. Disponível em:

<http://pesquisa.bvsalud.org/sep/resource/pt/lil-759595>

4. Minayo MCS, Deslandes SF. Análise da implantação do sistema de atendimento pré-hospitalar móvel em cinco capitais brasileiras. Cad Saúde Pública. 2008 Aug;24(8):1877-86.

<https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000800016>

5. Adão RS, Santos MR. Atuação do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar móvel. Rev Min Enferm. 2012;16(4):601-8. <https://doi.org/S1415-27622012000400017>

6. National Association of Emergency Medical Technicians. Atendimento pré-hospitalar ao traumatizado, PHTLS/NAEMT. 8a ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2011.

7. O’Dwyer G, Konder MT, Machado CV, Alves CP, Alves RP. The current scenario of emergency care policies in Brazil. BMC Health Services Research. 2013;13:70.

<https://doi.org/10.1186/1472-6963-13-70>

8. Lopes SLB, Fernandes RJ. Uma breve revisão do atendimento médico pré-hospitalar. **Medicina (Ribeirão Preto)**. 1999 [citado 02 fev 2018];32(4):381-7. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/7740>

9. Ministério da Saúde (BR). Política nacional de atenção às urgências. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2003 [citado 25 abr 2015]. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nac\\_urgencias.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nac_urgencias.pdf)

10. Ministério da Saúde (BR). Portaria Nº 1.600, de 7 de julho de 2011. Reformula a política nacional de atenção às urgências e institui a rede de atenção às urgências no sistema único de saúde (SUS). Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2011 [citado 25 abr 2015]. Disponível em:

<http://www.saude.mg.gov.br/images/documentos/PORTARIA%20No%201600%20de%207%20de%20julho%20de%202011.pdf>

11. Ministério da Saúde (BR). Portaria Nº 1.010, de 21 de maio de 2012. Redefine as diretrizes para a implantação do serviço de atendimento móvel de urgência (SAMU 192) e sua central de regulação das urgências, componente da rede de atenção às urgências. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2012 [citado 7 abr 2015]. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt1010\\_21\\_05\\_2012.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt1010_21_05_2012.html)

12. Pereira WAP, Lima MADS. O trabalho em equipe no atendimento pré-hospitalar à vítima de acidente de trânsito. Rev Esc Enferm USP. 2009;43(2):320-7.

<https://doi.org/10.1590/S0080-62342009000200010>

13. Ministério da Saúde (BR). Sala de apoio a gestão estratégica. Brasília, DF: SAGE, 2015 [citado 25 abr 2015]. Disponível em:

[http://sage.saude.gov.br/paineis/samu/corpaop.hp?uf\\_origem=BR-5570-201062789&cidade\\_origem=&uf\\_cidade=BR%20-%20&no\\_estado=BRASIL](http://sage.saude.gov.br/paineis/samu/corpaop.hp?uf_origem=BR-5570-201062789&cidade_origem=&uf_cidade=BR%20-%20&no_estado=BRASIL)

14. Governo de Minas Gerais (MG), Secretaria de Estado de Saúde. Projeto de implantação na macrorregião centro. Belo Horizonte: Secretaria da Saúde, 20... [citado 5 abr 2015]. Disponível em: <http://consorcioalianca.saude.mg.gov.br/site/images/documentos/Projeto Rede UE Macro Centro.pdf>

15. Anjos do Asfalto. Anjos do asfalto resgate rodoviário. 2013 [citado 9 abr 2015]. Disponível em: <http://anjosdoasfalto-mg.org.br>

16. Andrade AS, Rêgo REQ, Falcão KP, Ribeiro MB, Andrade NA. Atenção pré-hospitalar: desafios do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência na visão de enfermeiros. FIEB Bulletin On-line. 2014 [citado 7 fev 2018];84:1-6. Disponível em: <http://www.fiebulletin.net/index.php/fiebulletin/article/view/4608>

17. Tavares TY, Santana JCB, Eloy MD, Oliveira RD, Paula RF. O cotidiano dos Enfermeiros que atuam no Serviço de Atendimento Móvel de Urgência. RECOM. 2017;7:e1466. <https://doi.org/10.19175/recom.v7i0.1466>

18. Martins CCF, Vieira NA, Santos VEP. Reflexos do trabalho na qualidade de vida de Enfermeiros. Rev Pesq Cuid Fundam. 2012;4(4):2966-71.

19. Santana JCB, Sá EBP, Dutra BS, Campos ACV, Melo CL, Salum GB. Perfil dos técnicos em enfermagem de um serviço de atendimento pré-hospitalar. Enferm Rev. 2015 [citado 20 nov

2016];18(1). Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/enfermagerevista/article/view/9366/10324>

20. Cruz Vermelha Brasileira: Minas Gerais. [Socorro e resgate]. [citado 20 nov 2015]. Disponível em:

<http://www.cvbmg.org.br/socorros-e-resgate>

21. Adão RS, Santos MR. Atuação do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar móvel. Rev Min Enferm. 2012;16(4):601-8. <https://doi.org/S1415-27622012000400017>

22. Cavalcante CE, Oliveira JÁ, Medeiros CAF, Souza WJ, Neto JAM. No trabalho voluntário: Estudo das relações entre comprometimento organizacional e desenho do trabalho em ONGs. Rev Estudos CEPE. 2011 jan/jun [citado 20 nov 2016];(33):206-30. Disponível em:

<https://online.unisc.br/seer/index.php/cepe/article/viewFile/1714/1408>

23. Moniz ALF, Araújo TCCF. Voluntariado hospitalar: um estudo sobre a percepção dos profissionais de saúde. Estud Psicol. 2008;13(2):149-56.

<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2008000200007>

24. Romanzini EM, Bock LF. Concepções e sentimentos de enfermeiros que atuam no atendimento pré-hospitalar sobre a prática e a formação profissional. Rev Latinoam Enferm. 2010 mar-abr;18(2):240-6.

<https://doi.org/10.1590/S0104-11692010000200015>

**Recebido em:** 18/07/2017

**Aprovado em:** 15/02/2018

**Endereço de correspondência:**

Allana dos Reis Corrêa

Av. Alfredo Balena - nº 190 Santa Efigênia

CEP: 30.130.100 - Belo Horizonte/MG - Brasil

**E-mail:** [allanareiscorrea@gmail.com](mailto:allanareiscorrea@gmail.com)